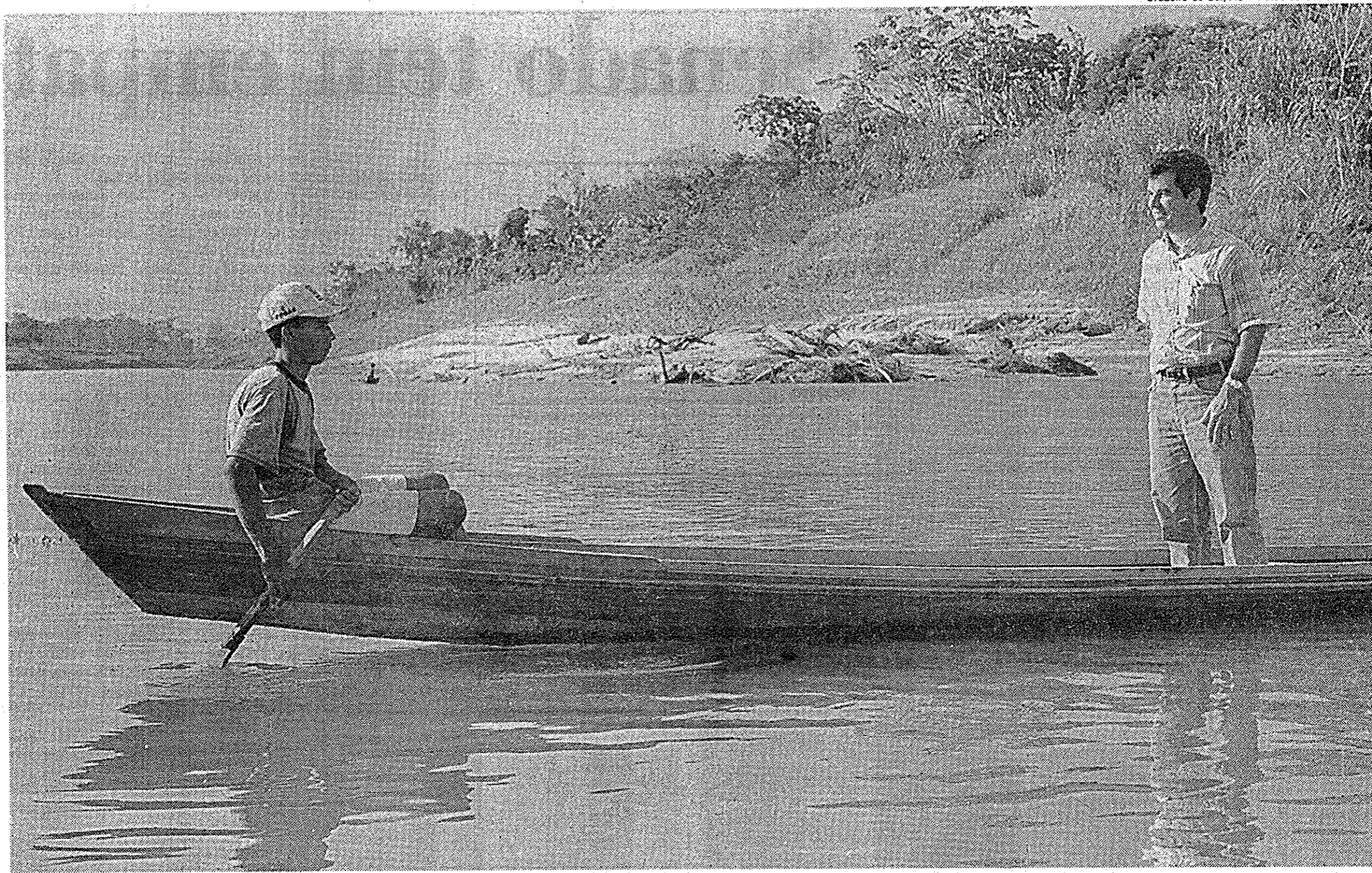


O CANDIDATO DO CONSENSO O petista Jorge Viana percorre o Acre de ponta a ponta e planta vantagem sobre os políticos tradicionais

Cruzeiro do Sul, AC - Fotos de Carlos Wrede



Jorge Viana atravessa de barco o rio Juruá. O candidato petista percorre o estado em teco-tecos, de carro, a cavalo e até a pé atrás de um eleitorado que já lhe acena com 70% das intenções de voto

Pela floresta à caça de votos

FRANCISCO LUIZ NOEL
Enviado especial

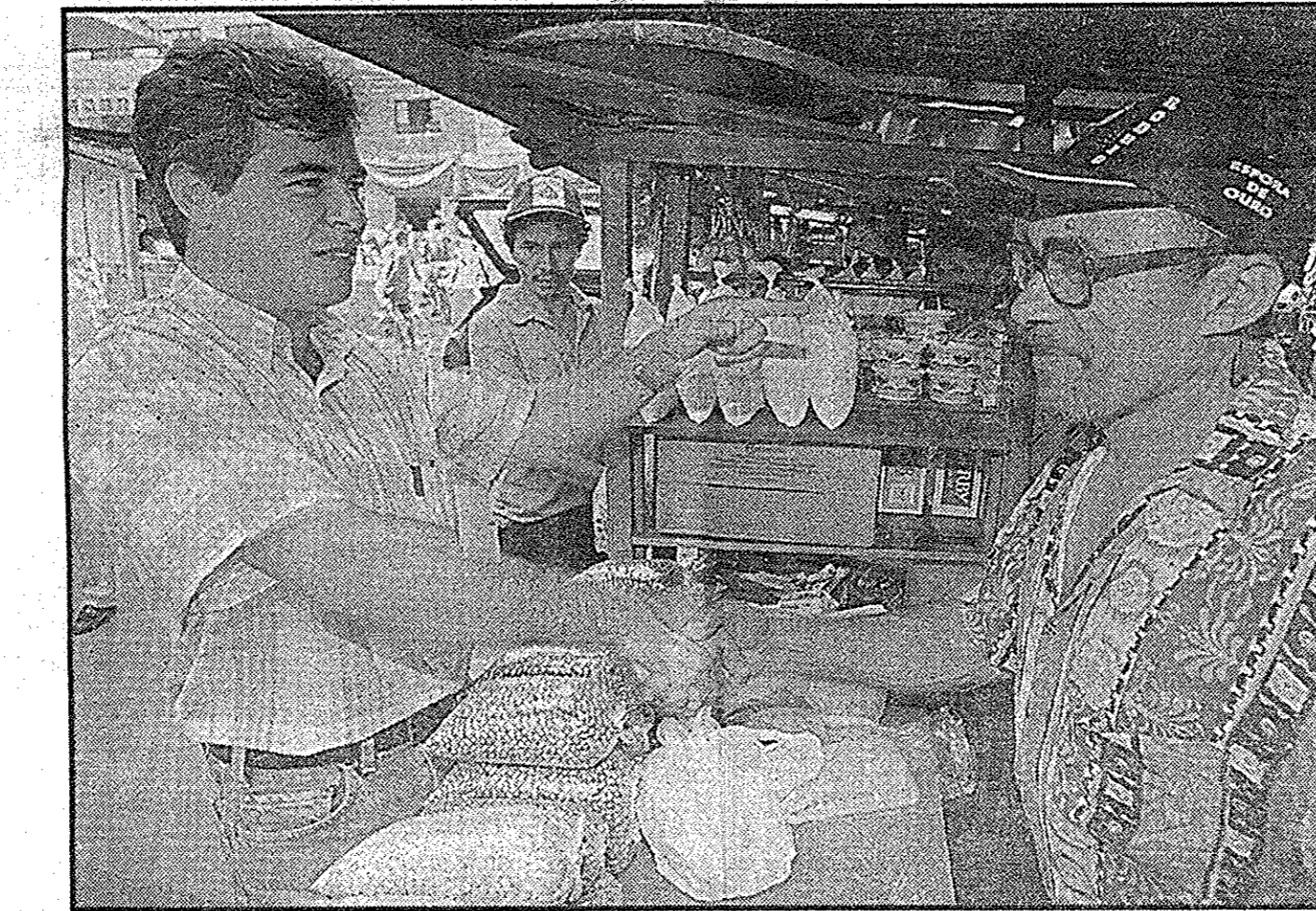
CRUZEIRO DO SUL, AC - Sob o sol inclemente do eterno verão amazônico, o petista Jorge Viana, 38 anos, sobe e desce de teco-tecos, come poeira em estradas de chão batido, singra rios quando não há caminho por terra, monta a cavalo para chegar onde automóvel não roda e, se nem montaria passa, sai à caça do eleitor a pé pela floresta. Atirado à campanha de governador desde o ano passado, enquanto os adversários se engalinhavam para formar coligação que foi por água a baixo, Viana está colhendo os frutos: franco favorito nas pesquisas, à frente de aliança de 12 partidos, incluído o PSDB, está prestes a derrotar no primeiro turno os tradicionais grupos políticos do Acre.

Unanimidade no topo de todas as pesquisas, nas quais oscila entre 65% e 70% das intenções de voto, Jorge Viana tem como trunfo eleitoral os quatro anos de mandato na prefeitura de Rio Branco, de 1993 a 96. Barbada na eleição da capital, onde se concentra mais da metade dos 500 mil habitantes do estado, o candidato do PT empurra para o alto, também, a candidatura do irmão Tião Viana, para senador. Se a Frente Popular do Acre vencer mesmo a eleição, o estado terá, além de um governador petista, um vice-tucano e dois senadores do PT - Tião Viana, que tem quase 50% nas pesquisas, e Marina Silva, eleita em 1994.

Baixinho, fala mansa, jeito bonachão, Jorge Viana ameaça tirar da linha de frente da política acreana os três principais caciques do estado - o senador e candidato à reeleição Flaviano Melo (PMDB), que não chega a 30% das intenções de voto; o ex-deputado federal Narciso Mendes (PPB), mentor da candidatura lanterna da mulher, Célia, ao Senado; e o polêmico governador Orleir Cameli (PFL), que não move uma palha em favor do candidato do partido ao governo, seu desafeto Alécio Dias, com menos de 7% nas pesquisas. Acossado pela impopularidade em Rio Branco, Cameli não conseguiu compor-se com Flaviano e Narciso e mantém-se à distância da própria sucessão.

Alto Juruá - À folgada liderança que consolidou na capital, Viana vem buscando somar a adesão do eleitorado do interior. De quarta a sexta-feira, o candidato do PT centrou fogo no principal reduto de Orleir Cameli - o Alto Juruá, na fronteira com o Peru. Em Cruzeiro do Sul, com 57 mil habitantes, e municípios vizinhos com cinco, seis mil moradores, o petista buscou sepultar entre a população o temor de que a eleição de um candidato de Rio Branco se torne sinônimo de abandono da região. Em cidadezinhas como Porto Valter e Taumaturno, Viana só chegou graças a um aviãozinho de três lugares, pois não há ligação rodoviária entre elas e Cruzeiro do Sul.

As desavenças entre os caciques são um dos fatores para a arrancada de Jorge Viana, que tem quase 50 pontos percentuais de vantagem sobre o segundo colocado nas pesquisas para a disputa pelo governo - o deputado federal Chicão Brígido (PMDB), um dos cinco parlamentares do estado acusados de ter trocado por R\$ 200 mil, cada um, os votos na aprovação da



Pelos mercados do interior, Viana busca estimular as raízes dos acreanos, abalados pelas vergonhas políticas do estado

emenda que garantiu ao presidente Fernando Henrique Cardoso, em 1997, o direito a concorrer à reeleição. A candidatura de Chicão, que foi absolvido em junho pela Câmara e também safou-se de punição por ter alugado o mandato à suplente Adelaide Néri, não empolga nem no PMDB, que assiste a debandada de prefeitos para a campanha do candidato do PT.

Mas a ascensão vertiginosa de Jorge Viana tem por trás, sobretudo, um esforço de formiguinha iniciado muito antes de lançar-se, no ano passado, à sementeira de votos nos bairros pobres de Rio Branco e nos povoados e seringais espalhados pela floresta do Acre - estado em que alguns dos apenas 22 municípios só são acessíveis por barco ou avião, na falta de estradas que, a cada eleição, acalentam promessas dos políticos. Viana pavimentou a reta de chegada desde os anos 80, quando, como engenheiro florestal, integrou-se à cruzada de Chico Mendes para organizar os seringueiros e projetar no exterior a luta pela exploração auto-sustentável da floresta.

Trajatória - O petista fez a estréia nas urnas em 1990, chegando à condição de primeiro candidato a governador do PT no país a disputar um segundo turno, perdido para Edmundo Pinto - assassinado em São Paulo às vésperas de depor à CPI do FGTS sobre os descaminhos de recursos para o Canal da Maternidade, em Rio Branco. Em 92, o petista chegou à Prefeitura da capital, encabeçando coligação de sete partidos. Dobrou de nove para 18 mil o número de vagas nas escolas, assentou famílias em pólos agroflorestais, arroumou a cidade e saiu aclamado em 1996, mas não fez suces-

sor o vereador Marcos Afonso, derrotado pelo ex-deputado federal Mauri Sérgio.

Os feitos na prefeitura, que inflam a candidatura de Viana entre o eleitorado da capital, estão servindo como cartão de visitas nas andanças do petista pelos grotões. "Governar Rio Branco, que tem a metade da população do estado, com dez vezes menos dinheiro do que tem um governador", não se cansa de repetir pelos povoados do Acre, que tem orçamento estadual em torno de R\$ 500 milhões. Nas cidadezinhas do interior, militantes do PT, de outros partidos e até prefeitos e vereadores do PMDB e do PFL vêm mobilizando assistências de 80, 100 pessoas para ouvir o candidato dissertar sobre seu plano de governo.

O tom da pregação de Jorge Viana é uma espécie de chamada dos acreanos aos brios, depois das vergonhas amargadas perante o restante do país - do assassinato de Chico Mendes e das falcatruas que tiveram como desfecho a morte de Edmundo Pinto às denúncias de venda de votos contra Chicão Brígido e seus conterrâneos na Câmara, passando pela bancarrota do banco estadual - o Banacre - e pela coleção de processos com acusações de irregularidades contra o governador Orleir Cameli. Ao mesmo tempo em que prega a volta às raízes, com a retomada do extrativismo florestal e da agricultura, Viana propõe que os produtos da floresta sirvam de salvo-conduto para o Acre entrar na economia globalizada.

Programa - "Queremos que o Acre seja um modelo para os outros estados da Amazônia", vem dizendo Jorge Viana por onde passa, nas exposições da versão preliminar do programa

de governo que promete lavar em cartório - registro que, para o eleitorado mais humilde, é visto como sinônimo da chance posterior de cobrança. Em meio a projeções de gráficos em transparências e da explicação de metas de governo, o candidato do PT acena com a garantia de preços para a desvalorizada borracha dos seringais e para os produtos agrícolas, a criação de 40 mil empregos nos quatro anos de mandato e a continuação da rodovia BR-364, planejada para cortar o Acre de Norte a Sul.

A reviravolta que Jorge Viana ensaia protagonizar na política acreana em 4 de outubro tem na retaguarda a esmagadora maioria dos movimentos organizados do estado - dos sindicatos de Rio Branco às associações do chamado povo da floresta. "Ele se mete no meio da gente, não tem burocracia nem anda cercado de seguranças", declara o voto o seringueiro Antônio de Paula, 70 anos, da Associação dos Seringueiros da Reserva Extrativista do Alto Juruá, onde vivem 650 famílias, no município de Taumaturno. "Lá entre a gente, o Jorge tem 50% de aceitação."

A subida do candidato do PT nas pesquisas começa a atrair também empresários - a maioria do comércio, pois o Acre não conta com parque industrial. O comerciante de materiais de construção Francisco Cameli, 45 anos, primo-irmão do governador, é um dos que aderiram à campanha de Jorge Viana em Cruzeiro do Sul. Maior contribuinte de ICMS da cidade, onde o comércio não morre de amores pelo fisco, Francisco não vê problema em sair em apoio ao PT e não esconde que dará ajuda financeira à campanha. "Não interessa se é do PT ou do PSDB, mas se é melhor para o estado", diz, orgulhoso

de pagar em dia R\$ 20 mil mensais de ICMS.

As contas da Frente Popular do Acre prevêem gasto de R\$ 800 mil na campanha ao governo - o PFL, mesmo desunido, estimou ao TRE despesa de quase R\$ 5 milhões. Com festas e venda de materiais de campanha, o PT já arrecadou R\$ 40 mil: "Tenho pedido pouco de muita gente. Não queremos ficar na mão de ninguém", afirma Jorge Viana, que conta com os préstimos quase gratuitos do marqueteiro Duda Mendonça, com quem já reuniu-se três vezes, para fazer o programa de tevê. "Ele está fazendo isso como ajuda", conta o petista, que pela primeira vez terá cartaz a cores numa campanha.

Polaroide - A criatividade, aponta Viana, tem sido marca da campanha. A eleitores do interior, o petista tem brindado com a clássica fotografia do abraço, tirada em polaroide, para festa de eleitores como as estudantes Wilsiana Magalhães, 17 anos, e Irteni Nascimento, 18, que fizeram questão de posar com o candidato ao fim de reunião no clube de Rodrigues Alves - município de seis mil habitantes e nenhuma rua calçada a 50 quilômetros de Cruzeiro do Sul. Um dos organizadores do encontro, com quase cem pessoas, foi o prefeito pemedebista Ruy Matos, que trocou o correntão Chicão Brígido por Jorge Viana.

"Os outros dois candidatos vieram aqui, passaram uma tarde inteira e nem se preocuparam em mostrar seu plano de governo", o prefeito referiu-se a Chicão e ao petelista Alécio Dias, para justificar o apoio ao candidato do PT. "Vou ter dificuldades de me relacionar no PMDB, mas isso a gente resolve depois". Ruy Matos é um dos pelo menos 10 prefeitos com quem Jorge Viana conta ter a seu lado até o fim da campanha em partidos como o PPB e o PFL, além do PMDB e do PT, que governa três pequenas prefeituras.

A desenvoltura com que Viana circula pelos rincões do Acre e pelos bolsões de insatisfação dos partidos adversários é a mesma com que se relaciona com alguns organismos internacionais de ajuda ao Terceiro Mundo. Adestrado em planejamento estratégico na Venezuela, por indicação do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o candidato petista vem tendo portas abertas pela senadora Marina Silva para instituições e empresas no exterior.

Borracha - Em busca de caminhos para a revitalização dos seringais acreanos, Jorge Viana foi com Marina à Itália, em maio, para abrir conversas com o presidente da Pirelli, Tronchetti Provera, para parceria destinada à fabricação de pneus ecológicos com borracha do estado. Após duas décadas de prosperidade à custa da borracha, iniciadas quando o Acre foi alçado a abastecedor do produto para as frotas militares dos aliados na luta contra o nazi-fascismo, o estado teve redução gradual da atividade dos seringais nativos, por conta da ascensão da produção de seringais cultivadas em países como a Malásia.

Viana volta a voar para o exterior amanhã, também junto com a senadora Marina da Silva, direto para Washington, onde conversará na quarta-feira com o presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Henrique Iglesias, para engatilhar financiamento para a conclusão da sonhada BR-364 em caso de não lhe fugir a vitória nas urnas.

O CANDIDATO DO CONSENSO A aliança que une PT e PSDB se encerra nas fronteiras do Acre, sustentada por pacto de não-agressão

Casamento de papel passado com inimigo

CRUZEIRO DO SUL, AC – Unidos no mesmo palanque em torno da candidatura do petista Jorge Viana a governador e de seu irmão Tião Viana a senador, militantes do PT e do PSDB se dividem na hora de pedir votos para a eleição presidencial. “Meu candidato é o presidente Fernando Henrique Cardoso”, faz questão de avisar aos eleitores o secretário-geral do PSDB no Acre, Normando Sales, candidato a deputado federal que não desgruda dos Viana nas andanças de campanha. Nos panfletos, os petistas não deixam de associar os nomes de Jorge e de Tião ao de Lula, que perde para Fernando Henrique nas pesquisas de intenções de voto entre os acreanos.

O PT, secundado pelo PSDB, que indicou o candidato a vice-governador, Edson Cadaxo, que fora vice do governador pemedebista Flaviano Melo de 1986 a 1990, conseguiu juntar na Frente Popular do Acre mais 10 partidos: PC do B, PDT, PL, PMN, PPS, PSB, PSL, PTB, PT do B, e PV. A obra de engenharia começou a ser executada no meio do ano passado por Jorge Viana, definido como “um costureiro francês” pelo deputado estadual Edvaldo Magalhães (PC do B), que disputa a reeleição. “O único P que nos importa é o do povo”, repete nas reuniões da aliança com eleitores o tucano Normando Sales.

PT e PSDB, rivais nacionais que selaram no Acre aliança inédita para as eleições, têm em comum com os outros 10 partidos a condição de opositores dos caciques da política do Acre – o governador Orleir Cameli (PFL), o senador Flaviano Melo (PMDB) e o ex-deputado federal Narciso Mendes (PMDB), apontado por 10 entre 10 acreanos mais bem informados como o “Senhor X”, que municiou a imprensa com as fitas casete que detonaram o escândalo da compra de votos de deputados do estado para a emenda da reeleição, que pôs Orleir Cameli sob suspeita de intermediário da negociação.

A adesão do PSDB à candidatura dos irmãos Viana, observa o secretário estadual dos tucanos, teve aval da cúpula nacional do partido, que em fevereiro deu carta branca ao PSDB do Acre para escolher seu caminho eleitoral. “Para o partido crescer no estado, tem que ser ao lado de gente boa”, resume Normando Sales, invocando o apoio dado à opção PT pelo presidente nacional do partido, senador Teotônio Vilela (Ac), e pelo secretário-geral, deputado federal Arthur Virgílio Neto (AM).

Os tucanos, comandados por comissão provisória nomeada por intervenção do PSDB nacional desde setembro do ano passado, vinham acumulando malogro atrás de malogro no Acre. Nas eleições municipais de 1996, elegeram apenas dois vereadores e nenhum prefeito em todo o estado. Na coligação encabeçada pelo PT, o partido do presidente Fernando Henrique está lançando 18 candidatos a deputados estaduais e sete a federais, com sonho de eleger quatro para a Assembléia e um para a Câmara.

A aliança com que PT e PSDB pretendem partilhar o governo do Acre impôs pacto de não-agressão no terreno da disputa presidencial. Além de deixar em segundo plano os ataques cruzados a Fernando Henrique e a Lula, petistas e tucanos não contam com visitas de nenhum dos dois presidentiáveis ao estado – causa previsível da eclosão de divergências deixadas de lado pela campanha estadual. Lula já esteve várias vezes no Acre, onde Fernando Henrique não pisou antes nem depois de ter sido eleito, em 1994. O último presidente a ir ao estado foi José Sarney, que governou de 1985 a 1989. (F.L.N.)

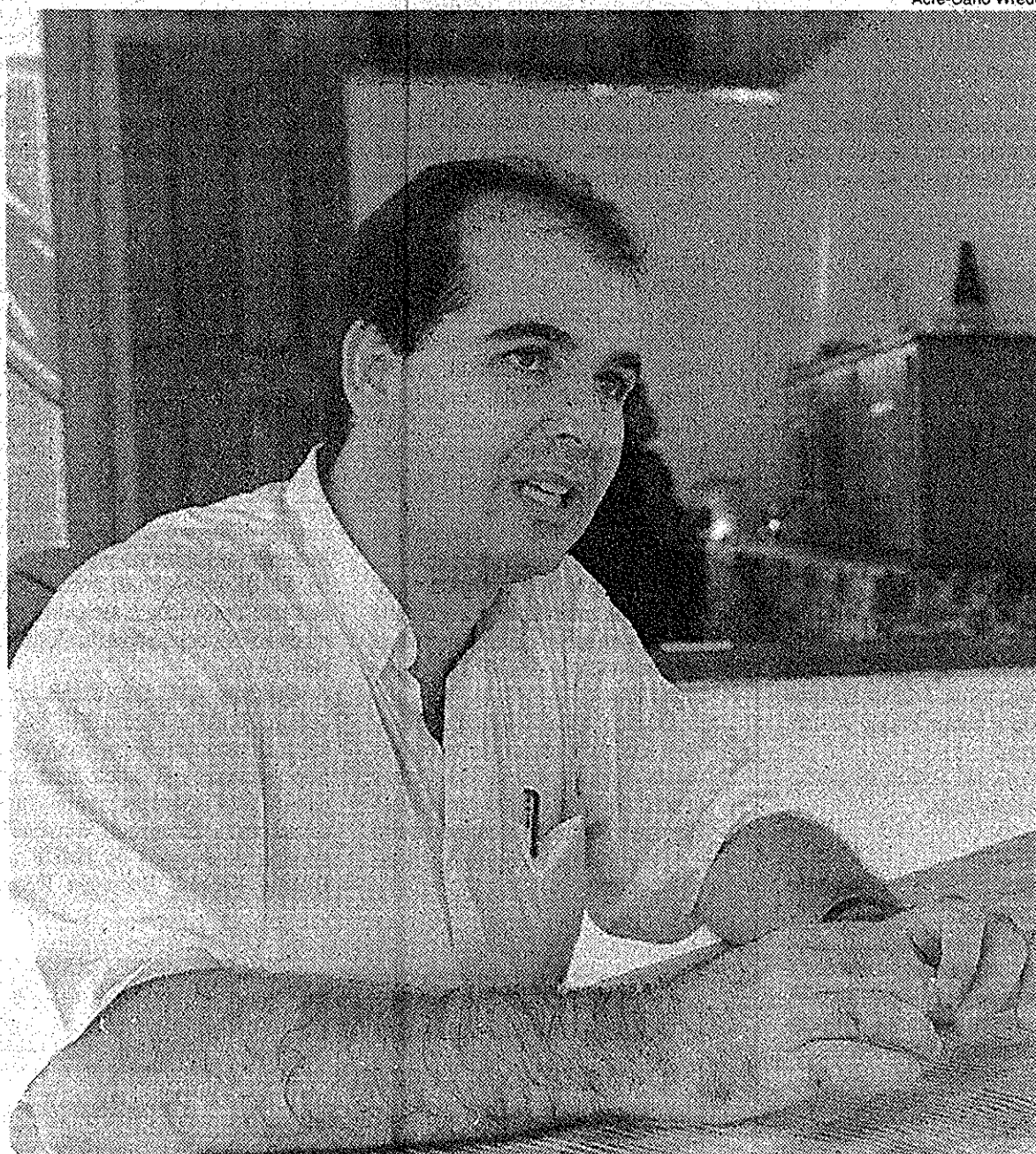
Irmãos Viana desbancam oligarquia

Candidatos são revelação na política e lideram pesquisas

CRUZEIRO DO SUL, AC – A principal acusação voltada pelos adversários contra Jorge, 38 anos, e Tião Viana, 37, é a de serem irmãos. Criados em Rio Branco numa família de funcionários públicos de classe média, não é à toa que os dois estão disparados à frente da corrida eleitoral no Acre: são o mais novo fenômeno político do estado, com mais prestígio do que a legenda do PT e do que o presidenciável Luiz Inácio Lula da Silva, situado pelas pesquisas atrás do presidente Fernando Henrique Cardoso.

Jorge, casado com uma professora estadual, dois filhos, é o Viana que tem mais cacife eleitoral. Formado em engenharia florestal na Universidade de Brasília, onde enfrentou nas ruas as tropas do Exército na campanha das Diretas- já, em 84, Jorge Viana foi um dos idealizadores da Fundação de Tecnologia do Acre (Fundac), criada nos anos 80 no governo do pemedebista Flaviano Melo. Foi também colaborador de Chico Mendes na formulação de projetos para a exploração racional da floresta acreana – alguns deles, financiados por organismos internacionais.

“Naquela época, o estrangeiro no Acre era o capital nacional. Só depois que o Chico foi assassinado é que o governo brasileiro viu que tinha que dar outro tratamento à Amazônia”, lembra o candidato a



Tião Viana, candidato ao Senado, perdeu a disputa para Orleir Cameli em 1994, mas promete virar o jogo

Acre-Carlo Wrede

governador do PT, que já era conhecido entre os acreanos quando lançou-se a primeira vez ao governo, em 1990. Eleito para a prefeitura de Rio Branco em 1992, Jorge Viana modernizou a administração e deu feição petista ao governo, passando a pagar o funcionalismo em dia e abrindo espaço para as empreiteiras do Acre participarem de obras municipais e gerarem empregos.

“Socialista do ano 2000”, como se define, o Viana mais famoso entre os acreanos diz que não abre mão dos princípios do socialismo, mas defende a revisão dos dogmas da esquerda em favor da convivência pacífica com antigos tabus como a globalização. Jorge Viana, católico dado a superstições, não bebe nem fuma. Uma de suas demonstrações de fôlego para a campanha foi dada no ano passado: para juntar-se a seringueiros em festa na cabeceira do Rio Xapuri, em plena selva, se embrenhou no mato para viagem de três dias a pé e em lombo de cavalo.

Embora o brilho de Jorge ajude a clarear o caminho político do irmão, Tião Viana tem luz própria. Médico infectologista com pós-graduação na Universidade de São Paulo (USP), Tião tornou-se conhecido por denúncias de falta de recursos e de mal atendimento na rede estadual de saúde e, perseguido, demitiu-se para dedicar-se ao trabalho no Hospital Santa Juliana, instituição mantida pela Igreja em Rio Branco. O candidato a senador do PT estreou nas urnas em 1994, quando perdeu para o governador Orleir Cameli a disputa estadual. (F.L.N.)